



INSTITUTO MIGUEL GALVÃO TELES

CONFERÊNCIA

2 de julho de 2019

O FUTURO E A ESPERANÇA: OS DESAFIOS DA CIÊNCIA E O ENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE

ABERTURA

Rui Patrício



O FUTURO E A ESPERANÇA: OS DESAFIOS DA CIÊNCIA E O ENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE

ABERTURA A Aranha e a Febre

RUI PATRÍCIO

**SÓCIO DA MORAIS LEITÃO E ADMINISTRADOR RESPONSÁVEL
PELA FORMAÇÃO, COORDENADOR DO IMGT**

Vou fazer uma apresentação muito breve mas, ainda assim, peço-vos cinco minutos para, em primeiro lugar, agradecer a presença de todos e saudar em especial as duas instituições que organizam este evento: o Instituto de Medicina Molecular João Lobo Antunes (iMM), representado na mesa pela Maria Manuel Mota, que saúdo na sua pessoa, agradecendo muito ter aceite o desafio para fazer este evento connosco; e a minha própria sociedade, a Morais Leitão, Galvão Teles, Soares da Silva & Associados, à qual pertence o Instituto Miguel Galvão Teles, do qual sou, com a Leonor Botto e o Martim Krupenski, coordenador.

Saúdo a Sociedade (talvez me fique mal saudar a minha própria sociedade, mas saúdo-a), na pessoa do nosso *managing partner*, o Nuno Galvão Teles, por mais uma vez ter acolhido a ideia do instituto de fazer um evento que foge às regras habituais das sociedades de advogados, que fazem coisas sobre Direito – e só sobre Direito. Nós temos feito outras coisas. Temos desafiado a Sociedade para, como se diz hoje em mau português, “sair da casca”. Mais uma vez a Sociedade, juntamente com o iMM, aceitou o desafio.

Dou ainda as boas-vindas a todos os membros desta mesa e da próxima, que será moderada pelo meu querido sócio e colega António Lobo Xavier.

Eu podia fazer os cumprimentos, dar-vos as boas-vindas e passar de imediato a palavra à Sara Sá, que é quem vai “governar” esta mesa. Mas não resisto a dizer mais algumas palavras, que vão no sentido de justificar porque é que fazemos este evento (se é que ele precisa de justificação).

Quem me conhece sabe que gosto de provocações. Neste sentido, resolvi chamar a esta abertura “A Aranha e a Febre”. Trata-se de uma imagem que fui buscar a um livro do século XVII, de um senhor chamado Robert Burton, que há quem diga que é médico e há quem diga que é alguma coisa além disso: filósofo, estudioso, *et cetera*. Robert Burton publicou um livro marcante chamado *Anatomia da Melancolia*, onde diz que, pela primeira vez, foram estudadas de forma sistemática as doenças mentais. Às tantas, nesse livro, o autor fala das mezinhas que a mãe dele aplicava para curar as sezões. Uma dessas mezinhas consistia em misturar casca de noz e aranhas e, ao fazê-lo, alegadamente produzir um efeito de cura das sezões. E Robert Burton pergunta: «mas o que é que as aranhas têm que ver com a febre?».

Uso esta imagem para vos desafiar a perguntar: o que é que uma sociedade de advogados tem que ver com este tema? Porque é que uma sociedade de advogados se aventura, juntamente com o iMM, a organizar algo que parece inusitado? No fundo, qual é a ligação entre a aranha e a febre? A explicação é, num primeiro momento, muito simples e óbvia e, num segundo momento, talvez não tão simples e óbvia – mas afinal clara, e creio que mais rica.

Num primeiro momento, é simples e óbvia porque temos a obrigação de nos abrirmos à sociedade. Um dos propósitos do Instituto Miguel Galvão Teles (criado em homenagem ao legado do Dr. Miguel Galvão Teles, que lhe dá nome) é justamente o de se abrir à sociedade, fazer coisas que vão além do Direito, abrir horizontes. Deste ponto de vista, a razão pela qual fazemos este evento – como há pouco mais de um mês fizemos um sobre Arte – é muito óbvia: abrimo-nos à sociedade, procurarmos o cruzamento de saberes, fazermos outras coisas.

Isto bastaria para justificar o evento de hoje, para já não falar das qualidades e virtualidades não só do seu tema mas, sobretudo, do Instituto que nos dá a honra de o organizar connosco. Mas há outra ligação entre a aranha e a febre. Esse outro nível discursivo é o mesmo, *mutatis mutandis*, que eu, há pouco mais de um mês, nesta mesma tribuna, usei a propósito de um evento sobre Arte/Pintura. No dia 28 de maio, fizemos aqui uma homenagem ao mestre Cruzeiro Seixas, apresentámos a sua vida e a sua obra, e algumas serigrafias feitas a partir de obras suas. Usei então a expressão “o Homem integral”, e vou usá-la hoje de novo. Nessa altura usei-a a propósito da Arte, hoje vou usá-la a propósito da Ciência.

Qualquer um de nós, no seu ramo de saber, deve aspirar a ser um homem ou uma mulher, uma pessoa – foi o termo exato que usei na altura – integral, uma pessoa que, apesar do seu ramo específico de saber, da sua prática, do seu foco, está aberta a outros horizontes, cruzamentos e desafios. Porque não os cientistas, no sentido mais estrito e mais próprio da palavra, estarem abertos a dialogar com os juristas? Porque não os juristas estarem abertos a dialogar com os cientistas e a acolhê-los na sua casa, como nós hoje fazemos, com muito gosto?

No nosso Instituto Miguel Galvão Teles fazemos uma conferência da primavera e outra do outono: era suposto esta ser a da primavera, estamos um pouco atrasados; mas também já nada é o que era, incluindo as estações do ano. Esta nossa conferência da primavera apela, mais uma vez, à ideia da pessoa integral, sobretudo para aqueles que são advogados e para os mais novos dentre eles. Volto a dizer, do alto dos meus já quase 50 anos de idade: mal do advogado que é só advogado! Eu disse isto em maio sobre a Pintura; digo-o agora sobre a Ciência. Assim como mal de qualquer outra pessoa que é só aquilo que é o foco do seu dia a dia! Temos de nos abrir, de estar disponíveis para estabelecer cruzamentos.

O Instituto de Medicina Molecular tem o nome do Prof. João Lobo Antunes, um homem que, além de outras qualidades, era muito sensível ao cruzamento dos saberes e à abertura de espírito. Andei a reler umas coisas do Prof. Lobo Antunes: qualquer pessoa tem obrigação de fazer o trabalho de casa, e mesmo aquilo que parece improvisado dá trabalho. Eu fiz algum trabalho de casa e, entre dezenas de citações (o Prof. Lobo Antunes era de uma grande riqueza), encontrei uma de 2009 onde, numa entrevista a uma

revista não muito conhecida, falava sobre filosofia, sobre o Prof. Fernando Gil e a sua obra. Dizia uma coisa que vou citar, para se perceber melhor o porquê desta ligação entre a aranha e a febre, desta tentativa de ir buscar algo que à primeira vista não é óbvio. O Prof. João Lobo Antunes afirmava algo que cito, em jeito de homenagem muito sentida: «como dizia o Fernando Gil, provavelmente o melhor filósofo português do século XX, sem a filosofia perde-se “a capacidade de ver para lá da aparência das coisas”». Digo também que se perde sentido crítico, a perceção das contingências da verdade e da evidência e o sentido da administração do transcendente». Eu gostaria que levássemos daqui, além dos ensinamentos que vamos colher de cada um dos oradores e membros da mesa, a ideia de que é preciso ver para lá da aparência das coisas, de que é preciso ligar os saberes. Aliás, usei a imagem de Robert Burton e disse propositadamente que há quem diga que ele foi um médico e há quem diga que foi um erudito, um filósofo... Não sei bem o que ele foi, mas sei que a obra dele me parece muito mais do que ciência. Os que conhecem a *Anatomia da Melancolia* – seja na versão integral, seja na versão resumida, que é a que tem circulado sobretudo desde o século XVII – repararão que ela é dividida em três partes: a primeira sobre as causas, o elenco e a descrição sintomatológica das doenças mentais; a segunda sobre as curas; e a terceira (que é admirável) sobre duas formas especiais de melancolia – a amorosa e a religiosa. Foi por isso que escolhi Robert Burton como mote para esta minha abertura.

A mensagem essencial que eu queria deixar prende-se com estas ideias muito apelativas, ricas e poéticas da pessoa integral e da ligação entre duas coisas que à primeira vista não estarão ligadas de maneira nenhuma, tal como a aranha e a febre. Vou deixar a condução dos trabalhos à Sara Sá, pois não estou aqui para fazer nada senão esta abertura, em representação do Instituto Miguel Galvão Teles e da sociedade de advogados Morais Leitão. No entanto, antes de terminar, deixo uma última nota. O nosso tema de hoje tem o título “O Futuro e a Esperança: os desafios da Ciência e o envolvimento da sociedade”. O tema não precisa de justificações nem de sublinhados, qualquer um de vós percebe-o intuitivamente, mas eu gostava de vos deixar com uma nota pessoal: neste momento não estou uma “pessoa integral”, não no sentido a que apelei há pouco, mas no sentido em que recentemente fui submetido a uma cirurgia! Toca-me especialmente ter o privilégio de, nestas circunstâncias, poder abrir e dar as boas-vindas numa conferência com este título, porque neste momento eu sou o exemplo dos desafios e da esperança da Ciência.



INSTITUTO
MIGUEL GALVÃO TELES

